

Músicos de Brasília aprovam Carta de Araxá

O conteúdo do documento foi aplaudido pelos artistas brasileiros

IRLAM ROCHA LIMA
Da Editoria de Atualidades

A "Carta de Araxá" documento contendo reivindicações e sugestões para a implantação de uma nova política cultural no País, elaborada durante o I Encontro da Música Popular Brasileira e entregue ao Presidente Tancredo Neves, no final da semana passada, teve ótima receptividade entre os artistas brasileiros.

Todos, indistintamente, dos que foram ouvidos pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, manifestaram sua total aprovação e elogiaram o conteúdo do documento, que, agora, será apreciado pelo futuro Ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, a quem foi encaminhado.

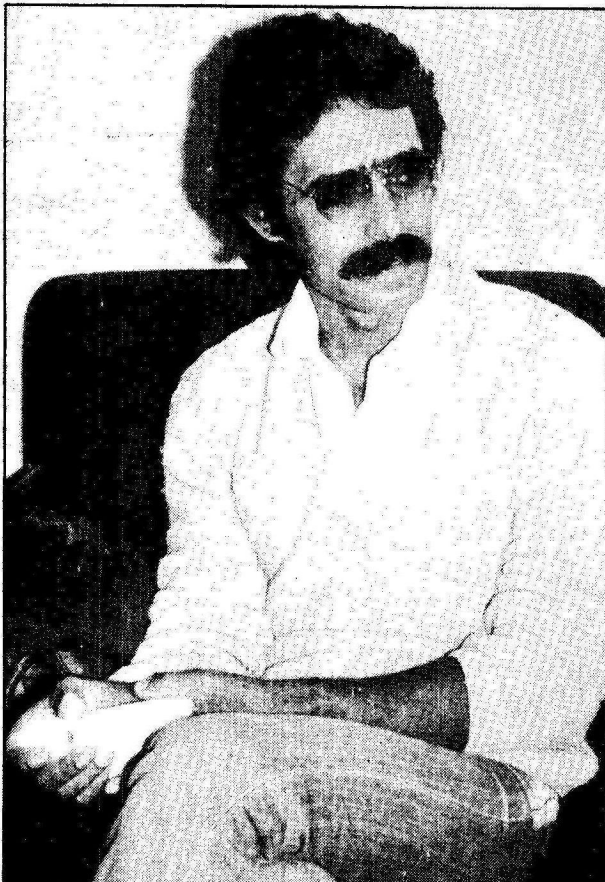
Para a compositora e cantora Rosa Passos, a "Carta de Araxá" é a expressão legítima das aspirações fundamentais dos compositores, músicos, intérpretes, autores e demais categorias, ligadas à atividade musical no Brasil. "Nascida no limiar da Nova República, ela representa contribuição definitiva à defesa da música brasileira, seus criadores e intérpretes, o que se fará através de participação dos músicos nos órgãos responsáveis pela política musical do País," afirmou Rosa.

Com Rosa concorda plenamente o compositor e cantor Didi Moreno, que desenvolve seu trabalho na área da música regional. Para ele, o Encontro de Araxá foi a coisa mais importante acontecida na MPB nos últimos 20 anos. "Todas as reivindicações apresentadas na Carta — diz Didi — são justas e seu atendimento dará mais estímulo ao artista brasileiro."

No entender de Reco do Bandolim, considerado um dos mais competentes e criativos músicos em atividade na Capital Federal, com profundas ligações com o choro, a música não ficou fora do contexto negativo do Brasil, nos últimos 20 anos. E acrescenta: "A Carta chegou numa hora boa. A concretização dessas reivindicações, dessas sugestões, é da maior importância. Faço votos que no Governo do Dr. Tancredo a nossa arte, a nossa cultura assumam, definitivamente, o seu devido lugar".

Também Miltinho, flautista e vocalista do grupo Por do Sol crê que, finalmente, no bojo das mudanças que advirão com a Nova República, a música, a arte, a cultura brasileiras sejam beneficiadas, com o atendimento das reivindicações contidas na "Carta de Araxá".

Fazendo coro com seus companheiros, o compositor Klécio Caldas, campeão de vários carnavais e criador de músicas como "Neste Mesmo Lugar" e "Boiadeiro", aplaude com



Didi Moreno: sem receber cachê e direito autoral



Klécio Caldas: lei paternalista e cheia de defeitos

entusiasmo o documento elaborado no I Encontro da Música Popular Brasileira. "Trata-se de uma iniciativa maravilhosa, absolutamente necessária, que chegou, inclusive, um pouco tarde. Aborda todos os itens cruciais da Música Popular Brasileira".

ORGANIZAÇÃO DA CLASSE

Clésio, parceiro de Clodo em "Revellação", um dos maiores sucessos de Fagner e autor de outras canções interpretadas por alguns dos mais importantes cantores brasileiros, acredita que o primeiro ponto positivo do Encontro, que originou a "Carta de Araxá", é o fato de tornar mais clara a necessidade de organização da categoria, como forma de influir na execução de uma política cultural que venha a atender aos anseios da classe artística. "Os tópicos abor-

dados na Carta — analisa Clésio — mostram uma descaracterização do trabalho musical no Brasil, em dois planos. O cultural e o econômico-financeiro. Nos dois está claramente definido, hoje, que a MPB, como um todo e os compositores, autores, músicos e intérpretes, enquanto individualidade e enquanto categoria estão achatados pela situação que a música se encontra. Na verdade temos consciência de que participamos de um projeto de preservação e transformação de nossa cultura musical e por extensão do nosso universo cultural como um todo. Portanto, hoje já não se admite um falso paternalismo, que considere o artista, como criador desinteressado. Nosso trabalho tem significação social, política e econômica, embora haja os que fingem desconhecer isso".

Músico dos mais atuantes, coordenador da Sala



Rosa: expressão legítima de nossas aspirações



Reco do Bandolim: maior espaço para artistas locais

Funarte, Ricardo Vasconcellos vê importância maior no documento, o fato dele ter sido concebido pela própria classe. "As reivindicações são justíssimas — adianta o contrabaixista — e espero, sinceramente, que venham ter boa acolhida por parte do Ministro da Cultura, José Aparecido".

"Sem dúvida, a Carta é muito valiosa — concorda Jorge, líder do grupo Sambakí Rio —, mas no meu entender é omissa num item. É o que se refere ao percentual de execução de música pelas emissoras de rádio. No meu entender não basta que a lei determine obrigatoriedade de divulgação de 2/3 da Música Popular Brasileira. É preciso definir horários para o cumprimento dessa disposição. Caso contrário, as emissoras continuarão divulgando música estrangeira em horários nobres, jogando a MPB na programação de menor audiência, na madrugada, por exemplo".

Essa é uma questão abordada, também, por Clésio, que vê a música estrangeira predominando, outra vez, de forma avassaladora na programação das rádios. "A carta focalizou bem esse ponto e temos que nos bater por ele, inclusive em relação à distribuição do horário para a exe-

cução da música brasileira".

Renato Russo, o líder do grupo Legião Urbana, a grande revelação do rock brasileiro, vê a "Carta de Araxá" como "um lance superpositivo". Ele concorda basicamente com todos os tópicos, mas não apóia integralmente o que se refere à exigência da execução de 2/3 de música nacional na programação das rádios. Para ele o problema é de outra ordem, "Considero essa exigência uma atitude fascista. Não é esse o problema. Devemos lutar pela qualidade e não pela quantidade. O que acontece é que os programadores das rádios só tocam sucessos comerciais, aquilo que não presta, seja nacional ou internacional. Não se ouve, por exemplo, Arrigo Barnabé, Vital Farias, Hermeto Pascoal, Itamar Assumpção, Elomar. Mesmo o Chico, que fez um elepê belíssimo é muito pouco tocado. Na parte internacional, a melhor produção, os melhores conjuntos não são ouvidos, porque a programação das rádios está muito em cima dos esquemas das gravadoras".

DIREITO AUTRAL

Uma das questões mais debatidas no Encontro de Araxá e que mereceu destaque no documento firmado pelos artistas foi a que diz respeito ao problema do direito autoral. Quem fala com propriedade sobre esse assunto, na qualidade de ex-presidente do ECAD, é Klécio Caldas. "Houve, realmente, uma proliferação danosa de entidades de direito autoral. A lei que criou o CNDA e o ECAD transformou as sociedades em meras repassadoras de quantias que o ECAD destina aos respectivos titulares. A lei, que poderia ser a redenção do direito autoral, é paternalista e cheia de defeitos e como já disse, só serviu para estimular a proliferação de sociedades de direito autoral".

Queixas contra o sistema de arrecadação e distribuição do direito autoral são feitas, igualmente, por Rosa Passos. "O artista precisa ser melhor protegido contra aqueles que nada fazem e lucram em cima dos nossos direitos". Para Clésio, por falhas nesse controle, o compositor, o cantor nunca fica sabendo exatamente o que repre-

senta sua obra", em termos financeiros, nem de atingimento do público".

Didi Moreno acha fundamental reduzir o número de associações que funcionam entre o ECAD e os titulares do direito autoral. "Se já é tão pouco o que cabe ao artista, não vejo porque a necessidade de existirem intermediários. Acho, também, muito importante a cobrança de direito autoral junto às emissoras de TV, porque o artista, pelo menos em Brasília, além de não receber cachê por sua participação em programas, ainda não recebe o direito autoral".

A abertura de um maior espaço para os artistas locais na programação das emissoras de rádio e TV, defendida pelos signatários da "Carta de Araxá" é apoiada incondicionalmente pelos compositores, músicos e cantores brasileiros. Reco vê a necessidade da criação de programas com artistas locais, principalmente nas rádios FMs, que atinjam justamente o público da cidade em que ela funciona.

Este é para Miltinho, outro ponto destacado da Carta. "Precisamos estar mais presentes na programação das rádios na região onde desenvolvemos nosso trabalho. A descentralização do eixo Rio-São Paulo foi muito bem focalizada pela Carta. Ela é necessária para a preservação da cultura regional".

Com Reco e Miltinho se posiciona Ricardo Vasconcellos, que acrescenta: "Pra começo de conversa, 10% de música instrumental numa programação já é uma coisa boa, mas poderá ser um percentual ainda maior, uma vez que hoje, vem se verificando uma penetração muito grande deste tipo de música".

Os artistas brasileiros estão absolutamente de acordo em outro ponto: o da necessidade de realização de novos encontros, como o de Araxá — ao qual eles não compareceram — para que passem a ter um conhecimento melhor dos seus direitos e de suas obrigações. E para que possam melhor participar no novo projeto cultural que, espera-se, seja colocado em execução pelas autoridades na Nova República.